

Depois de ter sido o maior do Mundo

O PALMAR DA ZAMBÉZIA

«ESTÁ À VENDA»

GIL LAURICIANO/IPS

A guerra que assola Moçambique, há cerca de 15 anos, ameaça gravemente diminuir um dos maiores palmares do mundo, no norte do país.

O palmar da Zambézia, situado na província do mesmo nome, cobre cerca de 75 mil hectares e estende-se ao longo de cerca de 400 quilómetros da costa moçambicana.

No que parece o resultado da combinação de vários factores, entre os quais a guerra e políticas de gestão inadequadas, o palmar da Zambézia está mal de saúde.

Fontes ligadas à empresa **Boror**, empresa estatal moçambicana que detém a maior parte do palmar, disseram à IPS que este está «quase à venda», havendo já a concorrência de interesses sul-africanos, holandeses, franceses e portugueses.

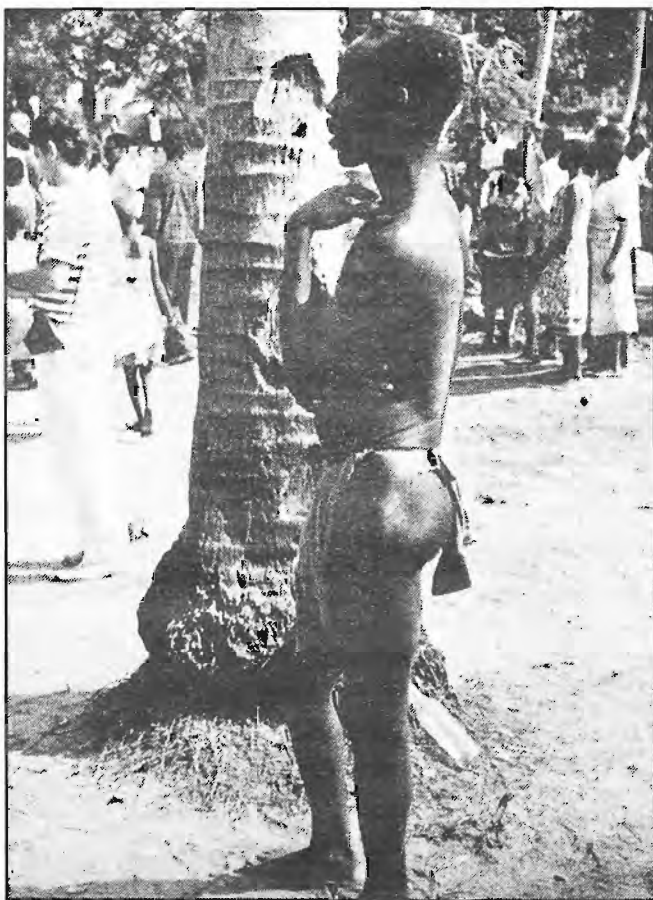
Grandes espaços vazios, ou preenchidos por troncos gigantes sem uma única folha verde, sobressaem na paisagem para quem sobrevoe o famoso palmar, em contraste com a imagem de um lençol verde que se vislumbra há mais de dez anos atrás.

Com mais de um século de existência, o palmar da Zambézia foi plantado e alimentado pelo trabalho forçado implantado no país pelos colonizadores portugueses. Mas com a independência do país, em 1975, a **Boror** foi nacionalizada e os velhos esquemas de contratação de mão-de-obra foram abolidos.

O Estado forçou as empresas proprietárias do palmar, entre elas as privadas, a admitir a maior parte dos trabalhadores sazonais, incluindo uma melhoria substancial das suas condições.

«Isso foi bom para as pessoas, mas a produção e os preços de copra no mercado internacional não respondiam positivamente a estas mudanças», disse uma fonte da direcção da empresa, que pediu o anonimato.

Segundo Isabel Manuel, da direcção da



De trabalhador forçado a desempregado?

Companhia da Zambézia, uma empresa de capitais portugueses e que se dedica igualmente à produção de coco, outros problemas como a guerra e as calamidades naturais vieram agravar a situação.

«Uma boa parte do palmar desapareceu devido à seca e, a depressão 'Filão', em 1988, também derrubou milhares de palmeiras», contou, acrescentando que de todos os males, a guerra foi o maior, na medida em que forçou a mudança de atitude das pessoas.

«Hoje, as pessoas perderam de vista a importância do palmar na perspectiva do país. Não tratam os coqueiros e consomem muito lanho (coco verde).

A **Boror**, por exemplo, das outrora mais de cem estufas para a produção de copra em cerca de 40 blocos, tem apenas seis operacionais. As restantes foram danificadas em ataques dos rebeldes da Resistência Nacional de Moçambique (Renamo).

Trabalhadores do palmar em diversos pontos foram forçados a abandonar as suas uni-

dades para escapar aos ataques rebeldes e vastas áreas são hoje consideradas «inacessíveis».

Em Março último os trabalhadores fizeram uma greve, não só exigindo o pagamento dos seus salários em atraso mas também garantias de que não seguiriam o caminho dos seus 4500 ex-colegas.

Com os preços da copra no mercado mundial a baixarem quase diariamente — dos 700 dólares por tonelada que chegaram a atingir baixaram para cerca de 140 — e uma redução na produção de 14 mil toneladas, por ano, para cinco mil, o futuro é sombrio, tanto para o palmar como para os trabalhadores.

Nas áreas onde a guerra não chegou, os zambezianos vão fazendo o melhor que podem, esperando que o seu palmar volte a ser um dos mais falados do planeta.

«Isso tem a sua razão de ser já que, para as pessoas, coqueiro não é só copra para vender às fábricas. É comida, é material de construção, é

sombra e até medicamento, para não falar de um certo poder social que representa», disse Isabel Manuel.

E a Ifloma, a Enocha...

O Governo de Moçambique decidiu alienar 50 por cento da empresa florestal **Ifloma**, na província central de Manica, confirmou o Ministério da Agricultura.

A África do Sul, Portugal, Suécia e Zimbábue são os países que já manifestaram formalmente o seu interesse em adquirir parte da Indústria Florestal de Manica (Ifloma), orçada em 20 milhões de dólares.

O Banco de Moçambique e a empresa moçambicana de exportações **Enacomo** estão entre os interessados na constituição da «joint-venture» com o Governo Moçambicano.

A **Ifloma**, constituída por uma floresta de 20 mil hectares e uma fábrica de painéis e mobiliário de madeira, foi fundada em 1980 com o apoio técnico-financeiro da Suécia.

A guerra desencadeada pelos rebeldes da Renamo, e que tem no centro de Moçambique o seu epicentro, tem conduzido várias empresas estatais ao colapso, forçando o Governo à sua alienação.

Para além da **Ifloma**, duas empresas agro-industriais, a **Boror**, que produz copra, e a Empresa Moçambicana de Chá (Enocha) estão igualmente a ser alienadas devido ao colapso em que mergulharam.

As duas empresas perderam nos últimos anos cerca de 40 milhões de dólares e o Governo diz não ter capacidade para recapitalizá-las, mesmo depois da guerra acabar.

«O processo está agora no Ministério das Finanças, que indicará as modalidades e decidirá sobre o lançamento de um concurso público», disse à IPS o Director Nacional das Florestas, Abdul Adamo.